

CODINA, Víctor: «*No extingáis el Espíritu*» (1Ts 5,19): Una iniciación a la Pneumatología. Santander: Sal Terrae, 2008. 246 pp., 21,5 X 14,5 cm. Col. Presencia Teológica, 166. ISBN 978-84-293-1757-2.

Na abertura do livro o A. descreve seu objetivo: no momento atual reconsiderar o Espírito Santo após as grandes mudanças pelas quais passou a Teologia nestes 40 anos de pós-Concílio Vaticano II. Sua reflexão parte de sua experiência como teólogo e a partir de sua longa atividade pastoral em meio aos pobres da Bolívia. Cita Bento XV e Paulo VI como orientadores de um processo teológico sobre a pneumatologia adequada para nossos dias. Muito sintomático é o título, porque o risco de apagar o Espírito Santo na experiência vital de fé em nossos dias é uma realidade. Não entende o Espírito Santo de movimentos carismáticos, mas o Espírito Santo da milenar experiência de fé da Igreja. O A. se inspira na experiência do Espírito Santo pelo Oriente cristão.

O primeiro capítulo se intitula “Fundamentos”: O que é ser cristão? Como se relacionam a teologia e a experiência espiritual? De que Espírito Santo se trata aqui? O segundo capítulo se concentra em Gl 4,6 (... porque vós sois filhos, enviou Deus ao nosso coração o Espírito de seu Filho, que clama: Abba, Pai!). As afirmações contidas nesta frase de São Paulo são de grande envergadura teológica: recebido o Espírito Santo, há um novo nascimento da pessoa de fé; Deus nos adota como seus filhos, pois o Espírito Santo, terceira pessoa da Trindade, habita em nós, nos faz orar como convém, e nos torna livres. O terceiro capítulo se apoia no pensamento de Hipólito: “El Espíritu florece en la Iglesia”. Esta é a parte mais especulativa do livro, porque traz a reflexão da Igreja a partir de Jesus, dos Santos Padres, da teologia sacramental, da eclesiologia, da espiritualidade monacal e das vicissitudes teológicas históricas até o Vaticano II, para terminar em nossos dias, em que a Igreja deve ouvir o Espírito sem o extinguir. O quarto capítulo se intitula “El Espíritu del Señor llena el universo (Sab 1,7)”. Não somente é dado à Igreja, mas dela transborda para o universo; é um capítulo ao mesmo tempo hermenêutico da Escritura e dos sinais dos tempos, passando pelas tentações do pecado e dos falsos profetas, para aprender da história as lições que não podem ficar esquecidas; o capítulo termina com os clamores do espírito na razão, na realidade dos pobres, nos indiferentes à fé, no clamor da terra e na expectativa escatológica. Um quinto capítulo termina com base em São Paulo: 2Cor 13,13 (A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo

estejam com todos vós). O prometido resultado do A. sobre a riqueza teológica do Oriente tem aqui seu espaço no item “Visión teológica del Oriente Cristiano”, depois de discorrer sobre a passagem da “economia” para a “teologia”, a visão teológica da Igreja latina, para terminar com a busca de uma complementação ecumênica. O fechamento deste capítulo é de algum modo contemplativo: do ícone de Roublev sobre a Trindade passa para o ícone da vida. Como teólogo latino-americano, não poderia terminar o livro sem um epílogo adequado: “Epílogo latinoamericano”.

Não se trata de um manual de Pneumatologia, mas de uma iniciação *sui generis* à questão da experiência do Espírito Santo pela Igreja. O A. domina a matéria, mas tem em vista seu público ao mesmo tempo europeu e latino-americano. Como “Una iniciación a la Pneumatología” a obra quer abrir horizontes aos leitores para o momento teológico e pastoral atual. Se se trata de uma iniciação, deve-se esperar que algo mais seja proporcionado pelo A. no futuro.

Valdir Marques SJ

GONZÁLEZ-QUEVEDO, Luís (org.): *Um sentido para a vida: Princípio e Fundamento*. São Paulo: Loyola, 2007. 199 pp., 20,8 X 13,8 cm. ISBN 978-85-15-03333-1.

Esta variada compilação de artigos, todos eles já publicados em *Itaici: Revista de Espiritualidade Inaciana*, reúne uma série de estudos sobre o célebre “Princípio e Fundamento”, texto de abertura dos *Exercícios Espirituais*. Inácio de Loyola, concordam hoje os estudiosos, escreveu um núcleo desta página dos *Exercícios*, quando vivendo na cidade de Manresa, logo após sua conversão. E o concluiu, no final de sua formação teológica, nos tempos de Paris e Veneza. Tal fato torna compreensível a presença de dois estilos bastante diversos numa mesma página, alimentando, aliás, desconstruídas interpretações. É, portanto, sempre útil a quem dá os *Exercícios* dispor de uma boa bibliografia de apoio.

González-Quevedo marcou a publicação com o título e subtítulo *Um sentido para a vida: Princípio e Fundamento*. **Título que nos parece algo infeliz, por ser repetição de um famoso ensaio de Viktor Frankl, assim traduzido para o português.** E, no entanto, é inegável que a questão do *sentido* deva ser ligada especialmente a esse texto dos *Exercícios*. A esta questão todas as pessoas respondem, de uma forma ou de outra, consciente ou inconscientemente, porque todas *agem*, e, assim, realizam e comunicam em sua ação “um sentido para a vida”. Sentido é finalidade e determinação, meta e mediação, ponto de chegada e caminho. Ora, Inácio, que pretende propor uma reforma de vida e um encontro gracioso com a von-

tade de Deus aos que “fazem” os *Exercícios Espirituais*, o que é propor uma nova maneira de *agir* e de *existir*, encabeça seu texto com uma breve declaração sobre o fim da vida humana e a maneira de realizá-lo. E como “sentido” só se molda na relação consigo mesmo, com o mundo, com os outros e com Deus, a pergunta pelo sentido se refrata, finalmente, e se multiplica nesses polos da vida humana. Quem dá os *Exercícios* deve, portanto, exercer uma atenção igualmente multiplicada, no momento de propô-los. Nesta tarefa, o livro aqui apresentado pode servir de excelente auxiliar. Passemos a uma rápida enumeração e apreciação dos artigos.

O artigo de González-Quevedo, além de útil apresentação e comentário ao texto inaciano, guia quem dá os Exercícios e deve explicar o Princípio e Fundamento, na medida e no caminho catequético a empregar. De la Cigoña fornece balizas para uma exposição aos jovens, enquanto Madariaga e Toth redigem atualizações que poderiam perfeitamente adequar-se a este público. Lefrank e Lisboa abordam o tema do dinamismo existencial da vida espiritual, na contínua busca humana de identidade e realização. Pensando nos iniciantes nessa vida espiritual, o texto de Van Breemen recorda o fundamento do Amor primeiro de Deus, único capaz de inspirar o livre engajamento apostólico a que os *Exercícios* almejam. Freitas ocupou-se com a contextualização eclesiológica latino-americana, pois a experiência a que alude o *Princípio e Fundamento* já se encontra em jogo na história da Igreja, em que o exercitante é também um agente. Schweitzer, Siqueira e Hamel oferecem iluminações laterais, abordando, o primeiro, alguns pontos da moderna cosmologia e das ciências positivas, e os dois últimos, a urgente questão ecológica. Finalmente, fechando a compilação, reproduz-se a inspirada Oração sobre o Princípio e Fundamento, de Netto de Oliveira. Neste conjunto de contribuições **de qualidade desigual**, especial destaque deve ser dado ao texto de Salles, “Jesus Cristo: Princípio e Fundamento”, que constitui um acurado e original estudo sobre a cristologia implícita do *Princípio e Fundamento*, buscando responder à questão da conveniência de se falar ou não inacianamente de Jesus Cristo na introdução dos *Exercícios*. Contrariamente aos que viram no texto inaciano um pequeno tratado racionalista e mesmo um “texto pagão”, Salles demonstra o enraizamento cristológico do texto. Mas defende uma não nomeação explícita de Cristo, no início dos *Exercícios*, deixando aquele que os faz aposar-se de seu “lugar” diante de Deus e de sua “imagem” de Deus. O movimento mistagógico dos exercícios inaugura-se, assim, por um profundo respeito ao outro que se quer introduzir na atitude do louvor, da reverência e do serviço “a Deus nosso Senhor”.

Álvaro Mendonça Pimentel SJ

MAILHIOT, Gilles-Dominique: *Os Salmos*: rezar com as palavras de Deus. Traduzido do original francês de 2003 por Odila Aparecida de Queiróz. São Paulo: Loyola, 2008. 214 pp., 23 X 16 cm. ISBN 978-85-15-03524-3.

Nascido em 1920 e falecido em março de 2008, Mailhiot era membro da Ordem dos Pregadores. Era Mestre em Teologia e obteve sua Licenciatura em Sagrada Escritura na Escola Bíblica de Jerusalém, tendo sido professor titular de Sagrada Escritura por muitos anos no Colégio Dominicano de Filosofia e Teologia em Ottawa (Canadá).

A obra, fruto de seus muitos anos de docência, tem um prefácio de Lorraine Caza e um preâmbulo do biblista Jean-Pierre Prévost, os quais são seguidos de uma introdução e oito capítulos.

O primeiro capítulo abre o livro com a pergunta: Por que rezar com os salmos? A resposta vai por dois caminhos: primeiro, porque os salmos são orações a Deus inspiradas pelo próprio Deus. Esse é um dos aspectos mais originais dos salmos, pois, sendo eles parte da Bíblia, ou seja, da Palavra de Deus, são também orações, ou seja, palavras dirigidas a Deus. Nesse sentido, Deus é, simultaneamente, a origem e o destinatário dos salmos! Infelizmente, essa característica particular dos salmos, anunciada no subtítulo da obra em francês (*“rezar a Deus com as palavras de Deus”*), perdeu-se na tradução brasileira (*“rezar com as palavras de Deus”*).

Em segundo lugar, os salmos são orações que, de um modo ou outro, associam quem os reza a uma multidão de fiéis, tanto no judaísmo quanto no cristianismo, ao longo de mais de dois mil anos. Os salmos foram oração na boca de Jesus, são também oração na boca da Igreja. Por isso, tem sentido e valor continuar rezando com eles ainda hoje.

No segundo capítulo, o A. apresenta aspectos relativos à teologia que sustenta as orações dos salmos. Primeiramente, trata do tema do nome de Deus empregado naquelas orações e cânticos, especialmente o Tetragrama, utilizado 670 vezes no Saltério. Em seguida, o A. aborda a tensão entre a transcendência e a imanência de Deus. Por um lado, a majestade do Criador que habita no monte santo; por outro, a proximidade do Deus da Aliança, que volta seu rosto para o orante, para o sofredor que suplica, o Deus que está no meio dos seus. Por fim, o A. propõe a releitura teológica dos salmos em chave de realização a partir da vinda de Cristo, plenitude da revelação de Deus.

Concluída a apresentação mais geral nos dois primeiros capítulos, o A. opta por abandonar o esquema mais comum nos comentários exegéticos e acadêmicos sobre o Livro dos Salmos, ou seja, a análise de cada salmo na ordem que ocupam no Saltério. Mailhiot toma outro caminho. Nos capítulos de 3 a 7, comenta grupos de salmos reunidos segundo seu gênero e/

ou temática. Destarte, no cap. 3 encontram-se os salmos relativos à cidade santa de Jerusalém (salmos das subidas, cânticos de Sião, referências ao Templo); no cap. 4, os salmos relativos ao louvor e à súplica (incluem-se aí os salmos de impreciação e a questão da dificuldade para rezar com eles); no cap. 5, os salmos de confiança e de ação de graças; no cap. 6, os salmos chamados de “sapienciais” (incluindo os salmos históricos e os relativos à Lei); por fim, no cap. 7, os salmos relativos à esperança messiânica (incluindo os salmos de YHWH Rei).

Em cada um desses capítulos, o A. inicia apresentando a temática e a mensagem dos salmos nele agrupados, tendo presente a tradição judaica no qual foram compostos e recolhidos, para em seguida fazer a passagem para a sua releitura cristã e eclesial. Ao longo desses comentários, o A. introduz habilmente informações que favorecem a compreensão do Livro dos Salmos: a história da sua composição, as coletâneas anteriores, a divisão do livro em cinco “livrinhos”, sua relação com a liturgia e com as festas judaicas, a questão da divergência na numeração dos salmos, sua relação com outros textos da Escritura, etc. Apresenta também testemunhos sobre os salmos tanto de comentadores judeus (do Talmude, Simlai, Chouraqui) quanto cristãos (S. Agostinho, S. Bento, S. Tomás de Aquino, Lutero).

O oitavo e último capítulo faz uma bonita aproximação entre o Saltério e o Magnificat, caracterizado como “o salmo da pobreza de Maria”.

Ainda que o livro não queira ser um comentário sistemático sobre o Livro dos Salmos ou sobre cada salmo em particular, teria sido útil, contudo, um índice remissivo dos salmos nele tratados, o que facilitaria muito ao leitor o acesso a determinado salmo de seu interesse mais imediato.

A obra é de leitura agradável. O texto é leve, as informações são bem dosadas, evitando-se os elementos mais técnicos que só interessariam a exegetas e especialistas. Pode servir como bom material didático para um curso introdutório ao estudo dos salmos.

Claudio Paul SJ

PINTO, Sebastiano: *Saremo anche noi come tutti i popoli*: la nascita della monarchia (1Sam 8-11) e il ritorno dall'esilio (Esdra) riletti in chiave biblico-sociologica. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2008. 205 pp., 22 X 14,5 cm. ISBN 978-88-215-6160-3.

O A. tem formação em Sagrada Escritura e Sociologia. É docente de exegese do Antigo Testamento na Facoltà Teologica Pugliese (Molfetta) e no Istituto Superiore di Scienze Religiose (Brindisi). Publicou também *Ascolta Figlio. Autorità e Antropologia nell'insegnamento di Proverbi 1-9* (Studia Biblica 4) (Città Nuova, 2006).

A obra propõe-se indagar sobre a história bíblica de Israel como o caminho de uma comunidade que se empenha em descobrir o Deus único e a própria identidade. Nesse sentido, o A. estuda dois períodos importantes da história da constituição de Israel como povo: em primeiro lugar, o período da monarquia do séc. X a.C.; em segundo, o período posterior ao exílio na Babilônia (em torno dos séc. VI e V a. C.). Para o estudo desses dois períodos, o A. toma como base, respectivamente, os textos de 1Sm 8-11 (o relato da instauração da monarquia em Israel) e o livro de Esdras.

O tema que percorre o volume é a tensão entre identidade e diversidade, entre abraçar o que é comum a todos ou manter-se na própria especificidade. A pergunta à qual o A. quer responder é: Quais formas de diferenciação podem ser recuperadas nas sociedades arcaicas e qual forma de diferenciação caracteriza a sociedade moderna?

O método aplicado no estudo dos textos é o da análise semântica, levando em conta, contudo, os dados oferecidos pelo método exegético histórico-crítico. O estudo eminentemente exegético é, depois, enriquecido pela perspectiva sociológica desenvolvida por N. Luhmann, segundo a qual todo fenômeno social é portador de um sentido que se oferece aos protagonistas da interação social. A validade e o modo de estabelecer as relações entre o resultado do estudo exegético e do sociológico são apresentados e discutidos na introdução, a qual faz constante referência ao documento da Pontifícia Comissão Bíblica “A Interpretação da Bíblia na Igreja” (1993).

Com base nas conclusões desses estudos, o A. apresenta reflexões a respeito das relações entre a Igreja Católica e o mundo contemporâneo, procurando lançar pontes entre a vida eclesial do pós-Concílio Vaticano II e a pesquisa sobre as experiências de Israel consignadas naqueles textos do Antigo Testamento analisados. Assim, no final do primeiro capítulo, intitulado “A Diferenciação Estratificatória em 1Sm 8-11”, o A. apresenta uma leitura teológica sobre “Monoteísmo e Perfeição na Sociedade Contemporânea”. Também no final do segundo capítulo, que estuda o livro de Esdras e tem como título “Estratificação Social e Fechamento Operativo em Esdras”, o A. oferece uma segunda aplicação teológica sobre “As diaconias da Igreja”.

Claudio Paul SJ

ZEILINGER, Franz: *Entre o céu e a terra*: Comentário ao Sermão da Montanha (Mt 5-7). Tradução do original alemão de 2002 por Paulo Ferreira Valério. São Paulo: Paulinas, 2008. 327 pp., 23,6 X 16 cm. Col. Bíblia e história. Série maior. ISBN 978-85-356-2100-6.

O autor é professor de estudos bíblicos neotestamentários na Universidade de Graz, Áustria. Deu-se ao trabalho de se debruçar sobre um texto, cuja história da interpretação é das mais ricas, dentre as perícopes bíblicas. O Sermão da Montanha (SM) corresponde a um trabalho extraordinário do evangelista Mateus, no esforço de fazer uma síntese do projeto de discipulado cristão, num contexto difícil de questionamento da identidade dos membros de sua comunidade. Passados muitos séculos, conserva a atualidade, pela inextinguível reserva de sentido dos ensinamentos do Mestre Jesus.

A obra resulta dos muitos anos de interpretação do texto mateano, em contexto universitário. Entretanto, o autor teve a sensibilidade de trabalhar com uma linguagem acessível ao grande público, deixando de lado os jargões da exegese e inúmeras questões abordadas em sala de aula. Problemas de crítica textual e de história da tradição, tradução do original grego, análises estruturais e análises exegéticas requintadas são pressupostas na busca da semântica do texto. Ocorrem nos estritos limites da necessidade. FZ é despretensioso. Não é sua intenção fazer uma “investigação” meticulosa nem propor uma interpretação completamente nova. Percebe-se, porém, que se confrontou pessoalmente com o texto bíblico. E, a partir de seu horizonte sócio-cultural-religioso europeu, fez uma leitura do SM, que, apesar de não conter muita novidade, para quem é frequentador assíduo do texto e de sua interpretação, revela-se de grande utilidade para quem busca chaves de leitura para compreendê-lo.

O título da obra leva em consideração a montanha, de onde Jesus fala aos discípulos e à multidão. É como se estivesse “entre o céu e a terra”, lugar de encontro entre os dois mundos. O discípulo – ouvinte ou leitor – colocasse na mesma posição, quando se trata de acolher os ensinamentos do Ressuscitado e sair pelo mundo afora, para anunciá-lo e testemunhá-lo.

A obra está dividida em sete capítulos. O primeiro gira em torno de “questões prévias”, onde o autor situa o texto evangélico e oferece pista para compreendê-lo. Trata-se, aí, dos leitores originais do SM, dos discursos mateanos, dos elementos retóricos e das fontes dos ditos recolhidos no SM. Os demais capítulos detêm-se nos vários blocos que formam Mt 5-7: 5,3-20; 5,21-48; 6,1-18; 6,19-7,12; 7,13-27; 7,28-8,1. O autor procura explicitar o eixo semântico de cada um, sem a preocupação de interrelacioná-los e fazer uma leitura de conjunto. Uma bibliografia básica, na grande maioria em alemão, e um índice de citações concluem o volume.

Uma afirmação que poderia ter sido mais explicitada diz respeito à centralidade do Pai-Nosso (Mt 6,9-13) no conjunto do SM. “Como exemplo

da oração correta, o Pai-Nosso constitui simplesmente também o centro do ensinamento sobre a montanha” (p. 202). Aí, em forma de prece, estão inseridos os principais temas desenvolvidos em Mt 5-7: a centralidade de Deus e de seu Reino, a superação do materialismo, a solidariedade e a partilha fraterna, o perdão e a reconciliação, a resistência diante da tentação e do mal. O Pai-Nosso, de fato, é a oração do discípulo cuja vida está toda centrada em Deus e em seu projeto. Exatamente para onde apontam os ensinamentos do Mestre Jesus no SM.

O texto de FZ pode ser útil a pessoas, especialmente, interessadas nos estudos bíblicos, mas também aos cristãos em geral desejosos de aprofundar o sentido do discipulado cristão. Levando em consideração o contexto da vivência de nossa fé, marcado pela pobreza e pela injustiça, será preciso ir além das reflexões de FZ, e escutar o Mestre que convoca para a construção do Reino, em meio às mais cruéis expressões de egoísmo e de maldade. O desafio consistirá, sempre, em passar do “entre o céu e a terra” ao empenho para que o céu aconteça na terra, deixando-se orientar pelo Ressuscitado.

Jaldemir Vítório SJ

VASSE, Denis: *L’homme et l’argent*. Paris: Seuil, 2008. 271 pp., 20,5 X 14 cm. ISBN 978-2-02-096736-5.

Livro de um psicanalista que, dentro do quadro teórico e da linguagem típicos desse saber, analisa a relação entre o ser humano e o dinheiro. Parte da idéia central de que no atual sistema qualquer tipo de objeto material, artístico, biológico, intelectual, pulsional se compra e se vende por dinheiro. Na mão do ser humano, significa a onipotência. Desenvolve também intuições fundamentais como a distinção, no campo da libido, entre pulsão e desejo. Aquela tem a satisfação repetitiva como fim em si. Ela busca ser satisfeita. A dimensão de desejo abre-se à presença de um encontro em que dois sujeitos se reconhecem saídos de uma mesma origem, numa vida que os dois – ou todos os homens – são vivos e se geram neles. O A. estuda o dinheiro na sua natureza, valor, caráter sagrado, em tensão com o amor. Opõe o dinheiro, ligado ao mundo do ter, ao mundo do ser, da vida, da relação com o outro. Ao longo do livro retrata alguns diálogos terapêuticos para exemplificar as afirmações de natureza teórica da superação do caráter aprisionante do dinheiro para a realidade libertadora do amor e também da fixação da criança na fase anal respeito às relações fundamentais na família. Conclui o texto, ao desenvolver a ideia de que o homem é um ser vivo de desejo. O dinheiro nunca o fará satisfeito.

João Batista Libanio SJ